



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v26n01/2019p105-121>

PELO CHEIRO “DA BANANA FRITA”: A MAGIA DA ESCRITURA DE IVENS SCAFF

THROUGH THE SMELL OF “FRIED BANANA”: THE MAGIC OF IVENS SCAFF’S WRITING

Epaminondas de Matos Magalhães¹
²Marinei Almeida

Data de recebimento: 20/03/2019

Data de aceite: 23/04/2019

RESUMO: O presente artigo busca realizar uma análise da produção de Ivens Cuiabano Scaff, tomando como *corpus* a obra *Uma maneira simples de voar*, a partir da imersão no imaginário que o texto insere o leitor, tornando-o um personagem, uma vez que estamos diante de uma narrativa sinestésica, pois à medida que o enredo vai sendo construído, somos apresentados a uma série de elementos que colocam o leitor em um mágico e simbólico mundo: o sítio do velho Amis. Nessa obra perfilam personagens do folclore popular, que vão se amalgamando ao comportamento e a vida das demais personagens, que cada ação desses seres míticos transforma o mundo da menina Ade, do velho Amis, do menino Andriel e da Siá Frô. Nesse sentido, voar, entendendo como a capacidade de imaginar e de transpor o real, é muito simples, decorre sem que tenhamos asas, desde que tenhamos imaginação.

PALAVRAS CHAVE: Imaginário; Magia; Narrativa.

ABSTRACT: This article seeks to conduct an analysis of the production of Ivens Cuiabano Scaff, taking as the corpus the work *Uma maneira simples de voar*, from immersion in the imaginary text inserting the reader and making it a character, since we are facing a synesthetic narrative, because as the plot is being built we are introduced to a number of elements that put the reader in a magical and symbolic world: the farm of the old Amis. In this work profiling characters of the popular folklore, which will go amalgamating the behavior and the lives of other characters, each action of these mythical beings transform the world of the girl Ade, the old Amis, the boy Andriel and Saha Frô. In this sense, fly, understanding how the ability to imagine and the transposition to the real, is very simple, takes place without us have wings, since we have imagination.

KEYWORDS: Imaginary; Magic; Narrative

¹ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Pós-Doutoramento em Letras, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professor do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) – Campus de Pontes e Lacerda; Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNEMAT.

² Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo- USP; Pós-Doutoramento pela Universidade de Lisboa (UL). Professora de Literaturas na UNEMAT; Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNEMAT; Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação da UFMT (PPGEL/UFMT).





A fim de iniciar uma discussão acerca da produção de Ivens Cuiabano Scaff queremos lançar mão de um trecho da obra de C. Lewis, *As crônicas de Nárnia – O Leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2002), no exato momento em que Lúcia, uma das duas filhas de Eva, em uma brincadeira, resolve se esconder no guarda-roupa da mansão, onde estão refugiados em virtude da guerra:

Para ela, valia a pena tentar abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina.

Lá dentro viu dependurados compridos casacos de peles. Lúcia gostava muito do cheiro e do contato das peles. Pulou para dentro e se meteu entre os casacos, deixando que eles lhe afagassem o rosto. Não fechou a porta, naturalmente: sabia muito bem que seria uma tolice fechar-se dentro de um guarda-roupa. Foi avançando cada vez mais e descobriu que havia uma segunda fila de casacos pendurada atrás da primeira. Ali já estava meio escuro, e ela estendia os braços, para não bater com a cara no fundo do móvel. Deu mais uns passos, esperando sempre tocar no fundo com as pontas dos dedos. Mas nada encontrava. (LEWIS, 2002, p. 7)

Percebemos, nessa narrativa, que o guarda-roupa adquire um importância ímpar, uma vez que funciona como um “portal” que se abre para o novo, o desconhecido, conforme nos aponta Bachelard (1989). Assim, a personagem Lúcia adentra para um novo mundo. A partir desse ponto, lançamo-nos a pensar a produção de Ivens Scaff como essa escritura mágica em que permite o leitor entrar em um mundo de aventuras e sonhos, que encanta e fascina, tanto os leitores infantis, os jovens e os adultos, principalmente, levando-se em consideração que literatura para crianças não é restrita a esse público.





A obra *Uma maneira simples de voar* gira em torno das personagens Ade, o velho Amis, o menino Andriel e Siá Frô. Essas quatro personagens embrenham-se em uma aventura mítica pelo sítio do velho Amis, deparando-se com personagens monstruosos e outros encantadores, com seres míticos e lendários, que habitam o imaginário popular.

Assim, queremos pensar a produção de Scaff referenciando o próprio título desse artigo, a partir do cheiro “da banana frita”.

O segredo desse lugar é que ele só tem uma entrada e uma saída.

Então, pode até demorar, mas se não parar de caminhar, você acaba saindo. E aí você já está pertinho do sítio.

Agora. Claro que se você souber um segredo fica mais fácil.

Acontece que o velho que mora no sítio gosta muito de banana frita.

Aí é só chegar no cerrado na hora do almoço e ir seguindo o cheirinho que, logo, logo, você está lá.

(SCAFF, 2006, p. 10)

Façamos como a menina Ade, sintamos o cheiro da “banana frita”, que analogamente funciona como o elemento mágico catalizador para o mundo de aventuras que o sítio do velho Amis irá propiciar as personagens. Esse cheiro, muito peculiar para os moradores das terras mato-grossenses, que pode parecer estranho para aqueles que não residem em Mato Grosso, fomenta o desejo de senti-lo, de conhecer esse cheiro. Isso se torna a “maçaneta mágica” que levará ao universo encantado do sítio.

Ivens Cuiabano Scaff é poeta, romancista, autor de literatura para crianças, contos, entre outros gêneros, apresenta em sua escrita uma revitalização do elemento regional, entendendo-o como uma representação





do espaço em que se vive, apresentando suas agruras e diversidades. Já afirmava Machado de Assis, em seu ensaio *Notícias da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade*, que todo homem está localizado em um tempo e um espaço e, a partir dele, é que esse sujeito fala. Mesmo o cheiro “de banana frita” aludindo para o aspecto regional, o transcende, aquele que a conhece, quer sentir novamente, quem não, almeja sentir e degustar. Assim, partiu-se de um elemento regional, que aos poucos se alça ao universal.

Pensando a própria configuração do título da obra, como nos explica o autor em seu posfácio, nos leva para esse mundo de possibilidades, que ocorrem dentro do sítio e que só pode ser assim, porque não é uma aventura solitária, mas coletiva, configurando a própria construção do herói moderno, que deixa de ser solitário.

O título surgiu também de uma forma curiosa. Numa noite chuvosa de São Paulo, eu e meu primo Fernando conversávamos sobre amizade e sobre distância. Tínhamos lembrado do verso do poema Drummond: ‘Não nos afastemos muito. Vamos de mãos dadas’, quando um de nós – quem. Eu ou ele. Não me lembro, nem importa – falou: ‘De mãos dadas é uma maneira simples de voar’. Foi assim que ganhei o título e a maneira de terminar o livro. (SCAFF, 2006, p. 60)

A obra toda é construída em torno da relação de amizade entre as personagens, do desejo mútuo de colaborarem, assim, um amor fraternal toma conta do enredo. A junção dos nomes da menina Ade e do velho Amis, que forma a palavra amizade, já aponta para a consolidação desse companheirismo. Esse universo mágico de aventuras só é possível porque



o tempo dentro do sítio do velho Amis não transcorre da mesma forma que fora dele.

(...) Mas ainda não sabem de tudo. Lá, o tempo passa muito mais depressa. Porque lá o tempo é maior. (...) Pois é assim que funciona o tempo no sítio do velho Amis. Enquanto tudo aquilo acontecia com a menina Ade, o tempo quase não passava na sua casa e ninguém notava a sua falta. (SCAFF, 2006, p. 33)

Dessa maneira, o tempo dentro do sítio se configura como um tempo mítico, que nas palavras de Moises (1994) é o tempo “acima ou fora do tempo histórico ou do tempo psicológico, embora possa neles inserir-se ou por meio delas revelar-se, é o tempo ontológico por excelência”. (1994, p. 107). Esse tempo mítico, configura-se como o tempo da natureza e da vida, correspondendo-se a um tempo cíclico, que infinitamente retorna.

O texto de Scaff apresenta ao leitor um universo repleto de elementos mágicos e míticos, como o Minhocão, o Negrinho D'Água, O touro azul entre tantos outros personagens na narrativa que cumprem a função de transportar a criança das asperezas do mundo adulto, para um universo de descobertas e superações, visto que a Literatura Infantil tem, entre suas funções, a de propiciar a criança mecanismos para que ela entenda o mundo e passe a superar suas agruras. Held(1980, p.96) afirma que:

Toda criança, em um momento ou em outro, segundo suas modalidades próprias, secreta mitos ou aceita e assimila os que lhe são propostos, para superar os problemas de dada situação. Ela o faz quando o —real bruto, tal como o entendemos habitualmente, isto é, o



mundo sensível, tangível, que lhe é exterior, torna-se, no sentido estrito, insuportável.

O desenvolvimento intelectual da criança está diretamente relacionado ao mundo de fantasias criado por ela ou projetado pelas narrativas com que tem contato, tornando fulcrais para que ela compreenda a realidade a sua volta.

O que vemos na escritura de Ivens Scaff é um texto marcado pela recuperação mitológica, que dá a criança a possibilidade de fantasiar e ser fantasiada pela própria narrativa, mas, de fato, a narrativa *Uma maneira simples de voar* carrega em si a construção mítica de uma comunidade. Nas palavras de Bernd (2003, p. 83):

(...) a história retém os fatos que correspondem, de algum modo, às exigências do momento e os preconceitos do vencedor. Libertando o saber intuitivo, manifesto aos mitos, nas tradições orais e nos ritos religiosos de uma comunidade, o escritor resgata fragmentos da história, secretada no inconsciente da comunidade, impossíveis de serem acessados de outro modo.

Assim, vemos um texto carregado – e até mesmo imbuído – do desejo de se reviver e reinventar os mitos e as tradições mato-grossenses. Inegavelmente, a produção de Scaff aponta para uma valorização dos elementos regionais, que são reinventados e recriados, ou seja, não estamos diante de uma narrativa infantil carregada de valores morais, cuja única função era transmissão de tais valores. O que percebemos na obra de Scaff, *Uma maneira simples de voar*, é a possibilidade da criança imergir no mundo dos sonhos e do fantástico. Como nos afirma Held (1980) à



obra infantil precisa, antes de qualquer coisa, realizar essa transposição para o mundo fantástico.

nasce da escolha gratuita de alguém – de um autor, se se tratar de um livro. E então, por essência, o “subjetivo”, o que é particular a tal ser, a tal momento. (...) o fantástico nos tocaria, a obra fantástica encontraria leitores se não reunissem aspirações, necessidades, experiências que também trazemos sem nós, em graus diversos, talvez obscuros e semi-ignorados, mas, no entanto, bem *reais*? (HELD, 1980, p. 25)

A escolha do ambiente do sítio do velho Amis, figurando-o como um espaço mágico, funciona, nas palavras de Held (1980, p. 77-78), como uma “paisagem afetiva”.

[...] paisagem quase sempre um lugar da infância, mas um lugar de infância mítico, idealizado, visto através do prisma dos sentimentos, das lembranças, das experiências de um adulto, mesmo deformado se necessário, enfim, transmutado e povoado também com todos os seres que ao longo dos anos, encontramos e amamos. [...] A paisagem —afetiva é um lugar de infância: certa casa, certo jardim insubstituíveis. [...] porque encontramos aí alimentos primeiros, que alimentam o imaginário do homem, que desempenham papel decisivo em seu crescimento, elementos que envolvem a criança e que jamais cessam de envolver, talvez, o adulto.

Em *Uma maneira simples de voar*, Scaff apresenta um mosaico mítico, em que circulam mitos da ancestralidade, como também cria e recria mitos contemporâneos. Há que se considerar que é uma obra, cuja abertura nos permite vivenciarmos “de dentro”, deixando de ser apenas um leitor e passando a sentir, assim como as personagens o frescor das águas, os cheiros constantes na narrativa, que inundam o olfato desse



leitor. Portanto, é possível dizer que estamos diante de uma narrativa sinestésica, em que os olhos captam cheiros, gostos e sensações.

Os cheiros são uma constante na obra, uma vez que a própria entrada no sítio do velho Amis se dá pelo cheiro da “banana frita”, que os leva ao labirinto do cerrado. Aqui podemos perceber a reatualização do mito do Labirinto de Creta, pois o cerrado é inconstante e metamorfo na obra, pois nunca é o mesmo, sempre se transforma, e o cheiro, seja da banana frita ou da floração das mangueiras, funciona como o fio de Ariadne que tanto os leva para dentro desse universo fantástico, como os trazem para o mundo real. O “cerrado dos caminhos que se cruzam” é um labirinto, que exige das personagens e do próprio leitor, que é interpelado no início da narrativa, para que saiba que dentro desse universo nada é estável, tudo se transforma, assim como a própria fantasia.

É fácil. Pode parecer difícil. Mas não é. Assim como quase todas as coisas. Se você olhar bem, conhecer, o que parecia confuso fica claro.

Por isso, se você não conseguir no início, não tenha pressa. Volte todo o caminho e comece tudo de novo. É que a paisagem vai mudando. Constroem uma casa aqui. Uma rua ali. Derrubam uma árvore. Pronto! Você não reconhece mais nada. (SCAFF, 2006, p. 8)

Antes de prosseguirmos, cabe destacar que o leitor é constantemente interpelado, como no trecho acima “É fácil. Pode parecer difícil. Mas não é” (SCAFF, 2006, p. 8). Tal recurso cria um efeito de proximidade entre o autor, a obra e seu público, pois esse passa a se configurar como próprio personagem do texto.



Retomando as discussões anteriores, assim, para transpor o labirinto do cerrado, seria preciso um elemento fantástico, como podemos perceber quando o personagem Andriel, na busca pela menina Ade, ao chegar ao cerrado, foi lembrando de uma manga que ela o havia dado, portanto, bastava seguir o cheiro das mangueiras, ou seja, seguir o fio de Ariadne, como não era o tempo das mangas, ele seguiu o cheiro das flores da mangueira. “Quando ele chegou no cerrado dos caminhos que se cruzam, só precisou seguir o cheiro das florações das mangueiras” (SCAFF, 2006, p.35). Se para entrar nesse labirinto ele seguiu o cheiro da banana frita, para sair, bastava seguir o cheiro das florações das mangueiras.

Ainda podemos destacar que para fugirem do Negrinho D’Água “tiveram que esfregar bastante gordura de peixe no corpo. Pra tirar o cheiro de gente”. (SCAFF, 2006, p.28).

Entre os vários desafios que se imperam sobre as personagens do sítio do velho Amis, que se filia diretamente a reatualização dos mitos, em um processo de valorização dos elementos regionais, sem que esses caiam no simples bairrismo, se dá quando as personagens se deparam com o Minhocão do Pari, conhecido em algumas regiões do estado de Mato Grosso, principalmente, às regiões ribeirinhas. Segundo Luís da Câmara Cascudo (2001, p. 386), o Minhocão é uma “Serpente gigantesca, fluvial e subterrânea e vara léguas e léguas por debaixo da terra, indo solapar cidades e desmoronar casas. Escava grutas nas barracas, naufraga as barcas, assombra pescadores e viajantes.”



Essa serpente, representada na figura do Minhocão, está diretamente ligada à simbologia da terra. Bachelard (1988) aponta que essa figura é um dos arquétipos mais profundos da alma humana, representa a raiz e a união entre o mundo vegetal e animal, pois nas palavras de Bachelard (1988):

A serpente, flecha tortuosa, entra embaixo da terra como se fosse absorvida pela própria terra. É essa entrada na terra, essa dinâmica violenta e hábil que institui um arquétipo dinâmico curioso. [...] A serpente é, em nós, um símbolo motor, um ser que não tem —nadadeiras, nem pés, nem asas!, um ser que não confiou suas capacidades motoras a órgãos externos, a meios artificiais, mas que se fez o móvel íntimo de todo o seu movimento fura a terra, perceberemos que, tanto para a imaginação dinâmica como para a imaginação material, a serpente se mostra um arquétipo terrestre (BACHELARD, 1988, p. 202-203).

Segundo a lenda, principalmente aquelas que circulam nas narrativas orais dos ribeirinhos, o Minhocão seria uma serpente que, quando sente fome ou é despertada, sai das profundezas do rio, tendo ela um tamanho anormal, com olhos luminosos, que solta um gemido que paralisa sua vítima e, quando retorna para as profundezas do rio, ela acaba fazendo ondas gigantescas, que são capazes de destruir encostas e as margens dos rios.

O minhocão tinha patas. Por uns grandes estrondos que se ouvia, parecia que sim. Mas era tanto ruído. Chuva. Raios. Trovões. A convulsão das águas. Ou seria sua cauda gigantesca, expandando água por todos os lados, que fazia aquele barulho invernal. (SCAFF, 2006, p. 42)



O Minhocão, portanto, não figura apenas como um elemento sobrenatural, mas como um ser capaz de alterar o comportamento das pessoas e do próprio *habitat*. Esse ser mítico alude para a questão do respeito aos elementos da natureza, uma vez que desrespeitá-lo pode trazer consequências graves àqueles que vivem dela. Assim, os valores sociais e culturais de determinados grupos são gestados por essas lendas e mitos. Nesse sentido, a criança ao deparar-se com o minhocão, ela estará diante de mitos que a liga aos elementos da terra e de sua diversidade, mostrando, sem o caráter estritamente pedagógico, o valor dos costumes e tradições para determinados grupos, estando ela inserida nele ou não.

Outro elemento mítico e simbólico constante na obra *Uma maneira simples de voar* é a água, que aparece nos capítulos “A chuva”, “O povo da água”, “Minhocão”, “No meio do rio”. A água representa tanto a vida quanto a morte, em alguns capítulos podemos perceber a água como elemento vivificador e em outros como o elemento catalizador da morte, conforme o trecho a seguir:

Depois da curva do rio, a coisa engrossou. O vento começou a ficar forte. O rio, cheio de ondinhas que batiam na beira da canoa. O chapéu de palha de Ade foi embora rio abaixo. Um bando de nuvens escuras, cada vez mais pesadas, escurecia a tarde. O vento cada vez mais forte (...)
A canoa rodopiou. Amis a impulsionou com o remo, para evitar uma pedra que saía d'água no meio do rio, mas não conseguiu. (SCAFF, 2006, p. 30, 32)

O que se percebe no trecho, além do símbolo catalizador da morte, é a movimentação das águas, ou seja, sua transitoriedade, evidente em



inúmeras passagens “Nessa hora, a chuva vinha lá do fim do estirão do rio (...)”(SCAFF, 2006, p. 32). A transitoriedade da água representa a própria transitoriedade da vida humana, que sempre está em constante movimentação, sendo ela cíclica, do início ao fim, retomando sempre o início. A água, portanto, nos permite refletir sobre os infinitos reinícios da vida.

Após o encontro das personagens, menina Ade e do velho Amis com o minhocão e de toda tempestividade que as ações desse ser mítico provocam no rio “pouco a pouco, a água foi se acalmando, e ficou só o barulho da chuva no escuro.”(SCAFF, 2006, p. 42) e diante do sumiço deles, Andriel, amigo da menina Ade, resolveu, juntamente com uma velha, contadora de histórias, procurar as personagens desaparecidas. Ao encontrá-las nas margens do rio, vê o ciclo das águas, da possibilidade de morte, ao reinício da vida, que novamente pulsa diante das águas.

Na praia, perto d’água, os pés quase no molhado, o velho Amis e a menina Ades estavam deitados, lado a lado. De mãos dadas. Não se mexiam. O corpo dos dois estava embrulhado numa espécie de gosma branca. Parecia algodão-doce e estava respingando de gotas de orvalho. O menino Andriel não sabia se abria ou fechava os olhos. Quis perguntar se eles estavam mortos, mas o olhar da velha disse que não. (SCAFF, 2006, p. 49-50)

Assim, a água nas várias possibilidades que a narrativa evoca nos permite visualizar o renascimento e a purificação, ou seja, a renovação constante, tanto da vida humana, quanto da vida vegetal e animal. Todo o universo da água está envolto em misticismo, algo mágico e encantador.



No penúltimo capítulo da obra “O touro azul” temos a representação nítida do tempo cíclico, ou seja, em como “a paisagem afetiva”, apontada por Bachelard (1988) transforma-se e modifica a vida das personagens de tempos em tempos, mas que traz em si a renovação e o renascimento.

Onde era campo seco, agora era a grama mais verde do mundo. Árvores secas, parecendo mortas, agora estavam cheias de folhas novas. O barro duro virava lama. A lama virava poça d’água. Virava lagoa. Virava corixo. No meio daquela água doce, pra onde corria a água.

Só gente, como Amis e a velha, podia saber. De tanto verem o mundo mudando. Seca. Chuva. Enchente. Vazante. Seca. E de novo. Tempo das águas. Tempo da Seca. Tempo. (SCAFF, 2006, p. 54)

Quando a velha se embrenha na busca pelas personagens Ade e o velho Amis, há todo um elemento mágico que circunda essa busca. No trecho a seguir, para encontrá-los, a velha – que ao final da narrativa nos será dado seu nome, Siá Frô - organiza todo um ritual sacro.

A velha foi até a um pé de cabaça, procurou uma do jeito que precisava. Pegou também uma vela virgem dentre os guardados de Amis.

Cortou a cabaça ao meio, fazendo uma cuia. Acendeu a vela. Pingou a cera derretida no fundo da cuia e firmou a vela.

Rezando uma reza baixinha, tão baixinha que nem dava pra entender, levou a cuia, devagarinho, para o rio. (SCAFF, 2006, p. 46)

A cuia com a vela vai rodopiando na frente da canoa, acompanhando a lentidão do rio. Torna-se a guia para os corpos afogados, é o elemento mítico que os levará a menina Ade e o velho Amis.





No último capítulo de título homônimo ao da obra, percebemos o papel máximo da imaginação, quando duas asas crescem das costas de Andriel, permitindo que eles se alcem para além das fronteiras do real. Bachelard (2001), afirma que no mundo dos sonhos e da imaginação não se voa porque se tem asas, mas se acredita que se têm asas porque estamos em voos constantes. Isso nos leva ao mundo imaginativo que as personagens Ade e Andriel se embrenham.

Ade ia responder, quando viu duas pequenas asas. Asas de cigarra. Asas de libélula. Translúcidas. Nem dá pra explicar. O fato é que duas pequenas asas, furta-cores, cresciam das costas de seu amigo Andriel. (SCAFF, 2006, p. 57)

Dessa forma, “[...] a asa imaginária é posterior ao voo. Sentimos as asas quando não fazemos mais esforço para voar. Elas vêm imediatamente, como um sinal de vitória, e então se desenrola [...] a psicologia do voo planado” (BACHELARD, 2001, p.59). Relação facilmente encontrada em *Uma maneira simples de voar*, na medida em que as asas que afloram no último capítulo da obra é posterior aos diversos voos imaginários e míticos que as personagens velho Amis, menina Ades e Andriel vivenciaram no sítio.

Considerações finais

A obra, *corpus* dessa análise, apresenta um mosaico mítico, que transpõe o leitor, sendo ele criança ou não, a um universo imaginário, em aventuras míticas e mágicas que são propiciadas, revisitando, com isso,



lendas e mitos do folclore brasileiro, em especial, os ligados a Mato Grosso, sem torná-los estritamente bairristas. Ancoram-se nos elementos regionais, mas os transpõe, à medida que a grande temática da obra é a relação de companheirismo entre as personagens: menina Ade e velho Amis.

Nesse sentido, podemos destacar que Ivens Scaff em *Uma maneira simples de voar* não traí o leitor por ser adulto e escrever para o público infantil e juvenil, mas consegue tornar sua narrativa próxima da realidade desse público, sem que ela fique simplória. Para tanto, ele precisou

(...) mostrar familiaridade diante do assunto, repetindo, à sua maneira, o gesto do leitor, que também chega perto, pelo lado da emoção, do mundo exibido pela narração. Assim, estabelece certa intimidade entre quem conta a história e quem a lê, intimidade garantida principalmente pelo tema da obra e a perspectiva com que ele é oferecido (ZILBERMAN, 2005, p.36).

Assim, a escritura de Ivens Cuiabano Scaff, na obra *Uma maneira simples de voar* alcança o leitor, em especial o infantil, porque há uma aproximação com sua realidade e seu mundo e isso só é alcançado visto que ele se utiliza do imaginário para sua composição narrativa.



Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade. *In* **Obra Completa**, Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A chama de uma vela**. Tradução Glória de Carvalho Lins. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

_____. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **O ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Edição Ilustrada. São Paulo: Global, 2001.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.



REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

HELD, Jaqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1999.

LEWIS, C. L. **As crônicas de nárnia**. Vol. II – O leão, a feiticeira e o guarda roupa. Tradução. Paulo Mendes Campos. Martins Fontes. São Paulo 2002

MOISES, Massaud. **A criação literária: prosa II**. 15 ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.

SCAFF, Ivens Cuiabano. **Uma maneira simples de voar**. Cuiabá: Entrelinhas, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

